


PAX NEOLIBERALIA: MULHERES E REORGANIZAÇÃO GLOBAL DA VIOLÊNCIA

Pax Neoliberalia: Women and the global reorganization of violence

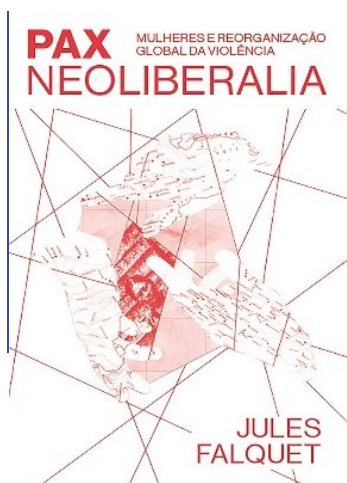
Flávia Eduarda Gomes HEBLING

Faculdade de Educação
Universidade Estadual de Campinas
Campinas, Brasil

flaviaeduargp@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1461-1481> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●



FALQUET, Jules. **Pax Neoliberalia: Mulheres e reorganização global da violência**. São Paulo, SP: Sobinfluência, 2022. Versão do kindle. Acesso em: 21 dez. 2024.

RESUMO

A presente resenha desenvolve-se a partir da obra de Jules Falquet, intitulada "Pax Neoliberalia: Mulheres e reorganização global da violência". Aborda-se, portanto, uma série de reflexões acerca das diferentes formas que a violência toma em diversos contextos geográficos e históricos. Ao longo dos quatro capítulos, esta temática perpassa por debates e desconstruções baseados nas concepções do feminismo comunitário e nas percepções feministas da autora. Uma obra distinta e de extrema relevância para mulheres mães por adotar uma perspectiva relacionada à educação das crianças pequenas, logo, ocupa um indispensável espaço na atual conjuntura da conhecida sociedade machista e patriarcal.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo Comunitário. Violência. Mulheres.

ABSTRACT

This review is based on the work of Jules Falquet, entitled "Pax Neoliberalia: Women and the global reorganization of violence". Therefore, a series of reflections about the different forms that violence takes in different geographical and historical contexts are approached. Throughout the four chapters, this theme permeates debates and deconstructions based on the conceptions of community feminism and the author's feminist perceptions. A distinguished and extremely relevant work for mothers, as it adopts a perspective focused on the education of young children. Thus, the work holds an indispensable place in the current context of our well-known patriarchal and sexist society.

KEYWORDS: Communitarian feminism. Violence. Women.

RESENHA

A obra de Jules Falquet, ativista e feminista francesa, ***Pax Neoliberalia: mulheres e reorganização global da violência***, foi publicada em janeiro de 2022 e destaca-se por seu caráter distinto e extrema relevância para mulheres mães, ao adotar uma perspectiva relacionada à educação das crianças pequenas. Ao longo da obra, a autora discute as formas odiosas que a globalização tem influenciado as relações sociais e promovido a violência contra as mulheres. Com base no pensamento feminista, Falquet problematiza o processo de globalização e seus efeitos na dinâmica das relações de gênero, raça e classe. Trata-se de um ensaio sobre a violência como procedimento metodológico para criação e manutenção do neoliberalismo global.

A possibilidade de instrumentalizar a violência constitui a linha mestra que articula os quatro capítulos que compõem esse livro. Temas como, por exemplo, os paralelos tenebrosos entre violência doméstica e tortura política no contexto de El Salvador, na América Central; as especificidades que compõem o serviço militar da Turquia; a vida padecida das mulheres de Ciudad Juárez; e as lutas contra o extrativismo na Guatemala são abordados pela autora a fim de mostrar de que maneira as diversas formas de violência estabelecem uma ligação perversa e coercitiva com o neoliberalismo.

Como uma artesã de mãos muito firmes, Falquet tece uma trama com muitos fios e em seus quatro capítulos acerca da violência em diferentes contextos históricos, políticos e sociais, mostra a quem lê sua obra um grandioso nó do exercício do poder neoliberal, sendo ele inseparável do desafio de pensar em cada caso possibilidades de resistência. Vê-se ainda, conforme as análises de Jules Falquet, de que maneira as mulheres são atravessadas por múltiplas formas de coerção e violência, tendo seus corpos, suas integridades física e mental, suas carreiras e vidas pessoais atingidos pelas estratégias do neoliberalismo.

A introdução do livro é carregada de muitos exemplos que serão aprofundados ao longo das páginas subsequentes. Conhecida por dedicar-se aos estudos feministas e a temática das mulheres como um todo, Falquet se detém na especificidade das diversas formas de violência contra mulheres, mostrando que para compreender essa diversidade opressora e coerciva é preciso lançar mão de uma análise transversal de suas diversas manifestações:

Este ensaio propõe uma dupla e simultânea reflexão: uma sobre o que se encontra em jogo, materialmente, nas diferentes formas de violência contra as mulheres (insistindo em como essas violências se imbricam com as lógicas de classe e de raça) e simultaneamente, outra acerca da reorganização neoliberal da coerção, dentro da qual desejo mostrar que a violência contra as mulheres desempenha um papel central. O tema da “violência” é complexo e multifome: quer se trate da violência contra as mulheres, da violência racista, da luta de classes, da repressão estatal, da guerra internacional, dos conflitos internos; enfim, as possíveis abordagens ao tópico são numerosas e os trabalhos incontáveis. As diferentes perspectivas disciplinares, no entanto, nem sempre dialogam e os trabalhos raramente são entretecidos. As ativistas e as teóricas feministas foram as primeiras a demonstrar a importância de realizar uma análise transversal da violência – física, sexual, emocional, econômica e ideológica – colocando em evidência seu caráter de continuum. (Falquet, 2022, p.4-5).

Mulher, socióloga, ativista feminista e pesquisadora do Centro de Documentação, Pesquisa e Estudos Feministas (CEDREF) da Universidade de Jussieu-Paris Diderot e professora da mesma universidade, Jules Falquet é conhecida por aprofundar a discussão sobre os temas abordados pelas teorias feministas, as pautas e bandeiras de luta dos movimentos sociais e modos de organização das minorias. Tem em sua bagagem publicações relevantes e trabalha para difundir esse conhecimento por meio de lives, entrevistas, rodas de conversas e obras como *Pax Neoliberalia*.

O primeiro capítulo intitulado “**Acerca da guerra de baixa intensidade contra as mulheres**”, surge como uma extensão de sua tese de doutorado, defendida há vinte e oito anos, em 1997. Com uma ideia ousada, Falquet objetivava refletir sobre

a violência como um sistema muito bem estruturado pelo discurso neoliberal, fato que interfere na forma com que escreve e narra os acontecimentos analisados por ela. Primeiro, Falquet propõe uma comparação entre a “tortura política” e a “violência doméstica” nos âmbitos privado e público, na esfera da vida individual coletiva. A autora defende que existe uma linha tênue que liga as extremidades do coletivo/individual no que concerne aos atos violentos propriamente ditos, bem como seus efeitos na vida das vítimas, sejam elas políticas ou domésticas.

A análise que Falquet vai desenvolver nesse capítulo gira em torno de relatos de mulheres que passaram por momentos cruéis de tortura física, psicológica e moral, no contexto do caso de “El Salvador”. Ao relacionar a tortura política com os atos violentos sofridos por mulheres dentro de suas casas, Falquet analisa o modo como algumas mulheres eram espancadas e violentadas de forma silenciosa e sem deixar marcas em seus corpos, da mesma maneira como os torturadores o faziam com exilados políticos ou pessoas perseguidas por serem contrários a ditadura:

Tanto no plano dos métodos quanto dos resultados psicológicos obtidos sobre as pessoas que as sofrem, violência doméstica e tortura possuem pontos comuns surpreendentes. A detenção em um espaço fechado e fora das regras sociais comuns (um espaço de não-direito), é geralmente um dos primeiros métodos com um a violência doméstica e a tortura política. Frequentemente, em ambos os casos, é organizado um face a face num lugar de onde os gritos raramente escapam – cela ou intimidade privada da habitação – ou que, caso sejam escutados, não sejam ouvidos. Os testemunhos desaparecem, se calam ou não podem intervir, sujeitos à mesma ameaça. (Falquet, 2022, p. 27).

Em continuidade com essa discussão, o segundo capítulo **“Além das lágrimas dos homens: a instituição do serviço militar na Turquia”** traz uma perspectiva acerca da influência do militarismo na vida dos homens num sentido não “vitimista”. Ao contrário, apresenta como estas motivações externas acabam por ditar o ritmo colérico que homens recém-chegados a espaços militarizados são submetidos e a urgência de ascensão para escapar deste tipo de abuso. Quanto mais alta a patente, deixa-se o lugar de oprimido e passa-se a exercer o papel de opressor.

Falquet procura desmistificar a ideia de que a masculinidade e a virilidade são a mesma coisa. A autora coloca também em pauta a existência de homens que não são capazes de se acostumar com formas extremas de coerção e violência, por meio de exercícios contínuos de mandos arbitrários, como, por exemplo, lustrar fuzis de guerra e exercitar forçadamente o silêncio. De acordo com Falquet, do ponto de vista do poder

estatal, é fundamental que haja uma classe masculinizada, que empreenda esforços para “findar” atos violentos com mais violência.

A autora mostra que a estratégia de excluir as mulheres destes espaços coercitivos, como se pelo fato de serem mulheres não fossem capazes de suportar tantas imposições violentas não é arbitrária. Esse é apenas um dos milhares de espaços nas quais as mulheres não são bem-vindas pelo fato de serem mulheres. O estereótipo de gênero é reforçado nesses espaços e os homens são motivos de chacota e xingamentos, caso algum deles apresente comportamentos interpretados como “femininos”. Em resumo, Jules demonstra que o contexto do serviço militar é uma das facetas da misoginia e de como as relações de poder nesses espaços de proliferação de violência é um mecanismo que fortalece ainda mais a hierarquização de homens e mulheres.

O tema que envolve o terceiro capítulo, a saber, **“Os feminicídios de Ciudad Juárez e a recomposição da violência”**, trata dos acontecimentos da década de 1990 no México. Esses anos foram marcados por centenas de assassinatos, estupros, torturas e outras formas de violência direcionadas a mulheres. Essa mesma época, que foi caracterizada pelo avanço da globalização foi também marcada pela criação desenfreada de cartéis de drogas. Essa nova configuração do crime organizado influenciou ainda mais os índices alarmantes de misoginia e ódio aos corpos femininos. Estes, por sua vez, possuíam um padrão comum: não brancas, migrantes e jovens que porventura desejassem possuir o mínimo para sobreviver. Essas mulheres eram inseridas em situações vexatórias, em indústrias que as exploravam ou nos trabalhos sexuais:

De maneira mais global, as características de Ciudad Juarez são frequentemente evocadas para argumentar sobre a existência de um tipo de violência urbana anômica que tem como fundo a grave crise econômica e social. A causa de tudo deveria ser buscada na urbanização caótica, na delinquência comum e nos efeitos colaterais do narcotráfico, cujo enraizamento começa a se tornar evidente no fim dos anos 1980, se reforçando de modo constante ao longo dos anos 1990, particularmente ao redor do cartel de Juárez, em mãos dos irmãos Carillo Fuentes. (Falquet, 2022, p. 90).

A autora propõe analisar essa violência em dois níveis distintos e articulados: público e privado. No âmbito privado, a violência é exercida por grupos que não estão diretamente relacionados com o Estado. A maioria dos crimes cometidos contra mulheres são motivados por iniciativas econômicas, tanto para receberem imediatamente um valor monetário quanto para coagir as mulheres a fim de adquirir

mão de obra barata na indústria no narcotráfico ou na exploração sexual. Ao mesmo tempo, as formas de violência também se alastram no âmbito público, na medida em que se pretendia o controle dos espaços públicos por meio de milícias que se beneficiavam e beneficiavam ilicitamente agentes públicos do Estado. Os acontecimentos dos anos noventa foram apenas um prelúdio do que viria a ser os anos de 2000, mais precisamente, o ano de 2007, a partir do qual o Estado declara guerra contra o narcotráfico. Desde então homens e mulheres perderam suas vidas e/ou entes queridos por meio da violência oriunda dos movimentos paramilitares, militares, os próprios narcotraficantes.

O quarto e último capítulo, **“Lutas (de) coloniais ao redor do “território-corpo”: da guerra ao extrativismo neoliberal na Guatemala”** trata da insurgência como estratégia para tornar explícita e cada vez mais visível os índices de violência sexual em períodos de guerra:

A violência contra as mulheres, que é um dos temas mais “consensuais” e, portanto, “recuperáveis”, levados pelo movimento feminista, tem constituído uma das portas de entrada principais da globalização de um gênero “neutralizado”. As instituições internacionais têm desenvolvido progressivamente suas intervenções ao redor de dois grandes eixos. Por um lado, a violência de tipo interpessoal – desde a violência doméstica até o assassinio – em contra da qual elas impulsionaram sobretudo a criação de um quadro jurídico supranacional e nacional. Por o outro lado, as violências sexuais de guerra, para as quais favoreceram que as mulheres participassem nos processos de pós-guerra, paz e justiça transnacionais, entre outras coisas no concernente aos estupros de guerra. (Falquet, 2022, p. 118).

Feministas da época, desdobraram-se na produção de trabalhos que problematizavam e evidenciavam o crescente índice de feminicídios. Uma das formas de resistência encontradas por essas mulheres foi a do “Feminismo Comunitário”. Essa estratégia criada por mulheres indígenas visava o combate ao extrativismo e a violência exacerbada contra seus corpos e vidas. Mulheres indígenas eram consideradas “vulneráveis” por seus agressores e comumente se tornavam vítimas de massacres, estupros coletivos e assassinatos frios.

Entre julho e agosto do ano de 2024 ocorreu o “Fazendo Gênero 13 contra o fim do mundo: anti-colonialismo, anti-fascismo e justiça climática”, espaço de discussão a respeito das lutas feministas correlacionadas ao cotidiano da Educação Infantil, com

contribuições valiosas de autoras como Barbara Machado, Adriana Rio e Jules Falquet¹. Situando-se no debate enquanto lésbica, anticapitalista, feminista, antirracista e materialista, Falquet lembrou a publicação do livro “Pax Neoliberalia: mulheres e reorganização global da violência” afirmando sua obra como uma análise acerca da violência contra a mulher e sua relação direta com a manutenção do neoliberalismo.

Uma obra densa e muito bem escrita que, apesar da dor e do sofrimento que em diversas passagens do texto nos faz interromper a leitura, termina com um grito de esperança no meio do caos. Um pequeno vislumbre de como as feministas revolucionaram as formas de resistir e lutar. A reivindicação de direitos faz com que uma fagulha se espalhe ao redor de uma multidão de mulheres oprimidas por diferentes agentes. Uma análise acerca das diversas formas de violência cometidas, sobretudo, contra as mulheres, para alguém pouco familiarizado com a área de conhecimento e o campo de atuação da Educação Infantil, pode parecer que essa temática nada tenha a ver com infâncias e crianças. Erro crasso o de quem supõe que uma análise das formas de violência não possui relação com a questão educacional, mais especificamente, a educação de crianças na primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil.

A desigualdade de gênero e a posição social da mulher refletem diretamente na valorização da docência feminina, na difusão dos estereótipos de gênero e principalmente na forma com que estas profissionais são tratadas pelas famílias, pelas crianças e pelo Estado. Concebendo o contexto da pandemia, sem creches e escolas funcionando, comércios interditados e a demanda do isolamento social, a jornada das mulheres tornou-se tripla e possivelmente quádrupla. Ademais, nesse período ainda nos deparamos com um aumento considerável de casos de violência doméstica, fato que confirma a tese de Falquet sobre a conexão entre a perpetuação do neoliberalismo e a violência estrutural contra as mulheres.

As contribuições valiosas de Jules Falquet conclamam a importância de leituras desta natureza para a formação de professoras e debates a respeito da educação das

¹ A grande contribuição de Falquet, pode ser encontrada no artigo “Educação Infantil em debate: contribuições feministas contra o fim do mundo”, publicado na Revista Zero-a-Seis da UFSC, traz a transcrição na íntegra da fala de Jules Falquet, Barbara Machado e Adriana Rio realizada na “Mesa Redonda: Materialismos Feministas contra o Fim do Mundo”.

Fonte: SILVA, Adriana Alves da; FARIA, Ana Lúcia Goulart de; SILVA, Vanderlete Pereira da. Educação Infantil em debate: contribuições feministas contra o fim do mundo. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 26, n. 50, p. 1057-1108, jul./dez., 2024. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/104053/58287>>. Acesso em: 09 jan. 2024.

crianças pequenas, visto que muitas mulheres também são mães e dividem cotidianamente a sobrecarga das demandas domésticas, de seus empregos remotos ou presenciais, da educação e cuidado daqueles/as que dela dependem, para além das violências silenciosas que por vezes são também vítimas. No coletivo da Educação Infantil, e na sociedade de maneira geral, as tarefas são socialmente direcionadas de maneira desigual a homens e a mulheres. Não estaríamos aqui diante de mais uma forma de violência perpetrada contra as mulheres? Tendo em vista que as trabalhadoras que atuam na Educação Infantil são majoritariamente mulheres, seria possível conceber separadamente a luta contra as formas de violência, contra a misoginia, a desigualdade de gênero e a luta por melhores condições de trabalho e pelos direitos das crianças? O trabalho de Jules Falquet nos faz pensar que, apesar de possível, seria um equívoco teórico e político.

REFERÊNCIAS

FALQUET, Jules. **Pax Neoliberalia: Mulheres e reorganização global da violência.** São Paulo, SP: Sobinfluencia, 2022. Versão do kindle.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

PAX NEOLIBERALIA: MULHERES E REORGANIZAÇÃO GLOBAL DA VIOLÊNCIA

Pax Neoliberalia: Women and the global reorganization of violence

Flávia Eduarda Gomes Hebling

Licenciada em Pedagogia
Faculdade de Educação
Universidade Estadual de Campinas
Campinas, Brasil

flaviaeduargp@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1461-1481>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Ivonete Delboni, 382, 13340-121, Indaiatuba, SP, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha professora orientadora Ana Lúcia Goulart de Faria e ao querido amigo Eduardo Pereira Batista, que muito contribuíram para a realização desta resenha.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: F. E. G. Hebling

Coleta de dados: F. E. G. Hebling

Análise de dados: F. E. G. Hebling

Discussão dos resultados: F. E. G. Hebling

Revisão e aprovação: F. E. G. Hebling

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista
Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista
Recebido em: 10-01-2025 – Aprovado em: 03-02-2025